

UMA NOVA ATUALIZAÇÃO DA RELIGIÃO? SOBRE RELIGIOSIDADES DIGITAIS E TECNOLOGIAS RELIGIOSAS*

Carly Machado¹

O trabalho de Beth Singler (2023, neste número) vem atualizar um debate caro ao campo de estudos de religião: a relação entre antropologia e tecnologia. A ideia de “atualização” é boa para pensar esse cenário, dado o fato de que a prática de “atualizar” softwares e aplicativos é cada vez mais central em nosso cotidiano digital. Dito de forma mais radical, aceitar “atualizações” é cada vez menos uma opção, e mais uma inescapável condição para que a funcionalidade de nosso cotidiano digital seja garantida.

O verbo “atualizar” pode ser definido como tornar-se (ou tornar algo) atual, adequar-se aos dias de hoje; “modernizar-se”. Tal como apontado por Singler em seus debates, tratar da relação entre religião e tecnologia implica engajar-se no debate sobre projetos de “modernidade”, e em reflexões sobre aspectos temporais aparentemente dicotômicos que passam a ser articulados: o “passado” da religião, e o “futuro” da tecnologia.

O futuro do pretérito da religião

Esse debate me fez retomar o título de um projeto de pesquisa coordenado por Hent de Vries², que se tornou também título de uma série de 5 publicações da Fordham University Press por ele editada: “*The Future of Religious Past*”³. Como provocação ao leitor, a série apresenta a seguinte questão: “*In what sense are the legacies of religion— its powers, words, things, and gestures — disarticulating and reconstellating themselves as the elementary forms of life in the twenty-first century?*”. Os livros, publicados entre 2010 e 2022, tratam dos temas indicados nessa pergunta: poder, palavras, coisas e gestos. Na apresentação do volume sobre “*Things*” (2012), editado por Dick Houtman and Birgit Meyer, encontramos a seguinte formulação: “*exploring the role and place of sacred artifacts, images, bodily fluids, sites and*

¹ Professora de Antropologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: machado.carly@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8814-3609>.

² The Johns Hopkins University and University of Amsterdam.

³ Disponível em: <https://www.fordhampress.com/series/future-religious-past/>. Acesso em: 30 de janeiro de 2023.

* Como citar: MACHADO, Carly. Uma nova atualização da religião? Sobre religiosidade digitais e tecnologias religiosas. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. x-xx, 2023.

technologies in different locations and religious traditions, this volume re-materializes the study of religion”⁴.

O projeto de pesquisa “*The Future of Religious Past*” teve início em 2002⁵, bem no início do século XXI, e é resultado do impacto da ideia de um “novo milênio” nos estudos de religião. Como pano de fundo, o debate com a tese da secularização para a qual a religião estava fadada, no mínimo, ao seu recolhimento da vida pública e, em horizontes mais amplos, ao tão discutido “fim da religião” na vida humana. Mas esse e outros projetos tratavam das religiões vivas e vividas no início do século XXI, engajando neste debate sobre continuidades e transformações do religioso a partir de várias temáticas, inclusive a das “coisas”, das “materialidades” e, junto com essas, tratando das “tecnologias”.

Retomar o projeto “*The Future of Religious Past*” é um modo (dentre outros possíveis) de pensar o trabalho de Beth Singler em continuidade com um campo de estudos que ganhou fôlego no início dos anos 2000, rendendo eventos e publicações que tratavam das relações entre religião e mídia, e religião e tecnologia (Meyer e Pels, 2003; Stolow, 2013)⁶. Acho que esse é o meu jeito de falar do passado deste debate sobre o futuro, a partir do tema da religião. Inverto assim o mote do projeto, refletindo um pouco sobre “o passado do futuro da religião”.

Essa escolha deve-se ao fato de que eu compartilhei o tempo presente desses debates sobre o futuro junto à comunidade acadêmica holandesa envolvida neste projeto e outros no início dos anos 2000⁷, e ler o trabalho de Beth Singler (2023, neste número) me remeteu a essa história que passou por muitas tecnologias para pensar este “emaranhado”, como reforça a autora, entre religião e tecnologia: lembro do impacto em minha formação dos estudos articulando religião e telégrafo (Stolow, 2006), fitas cassete (Hirschkind, 2009), cinema (Meyer, 2015), dentre outros contextos tecnológicos, e como estas pesquisas foram referências centrais para meus estudos sobre religião e *internet* (Machado, 2006) quando terminei meu doutorado sobre o Movimento Raeliano, um novo movimento religioso surgido na França nos anos 70. Voltarei a este ponto mais tarde.

⁴ <https://www.fordhampress.com/9780823239467/things/>. Acesso: 30 de janeiro de 2023.

⁵ “*The Future of the Religious Past* programme studied religion at the start of the 21st century. Traditional religions such as Christianity, Islam and Hinduism are once again exerting a powerful pull on people. Yet new, small religious movements have also developed such as New Age, which emphasize a personal spirituality”. Financiamento: NWO (Dutch Research Council). Disponível em: <https://www.nwo.nl/en/researchprogrammes/future-religious-past>. Acesso: 30 de janeiro de 2023.

⁶ *Magic and Modernity; Deus in Machina*.

⁷ Bolsa CAPES – Doutorado Sanduíche, 2005. Supervisão: Birgit Meyer (Universidade de Amsterdam). Projeto de pesquisa: *Pionner Project in Mass Media and the Imagination of Religious Communities*. No ano de 2006, participei ainda como ouvinte da conferência do projeto “*The Future of Religious Past*” realizada em abril daquele ano, em Amsterdam.

O futuro da religião nos dias de hoje

Mas, se por um lado, minha leitura do trabalho de Beth Singler (2023, neste número) me fez retomar este “passado” dos estudos de religião e tecnologia, há algo nesta atualização que é absolutamente “dos dias de hoje”. Não apenas um estudo do campo de religião e tecnologia, o trabalho de Singler ganha força em sua potente articulação entre os estudos de religião e a antropologia digital (Horst e Miller, 2012). Os resultados analíticos de sua discussão sobre os emaranhados (“*entanglements*”) entre IA e Religião derivam do emaranhado teórico metodológico que a autora faz entre antropologia da religião e antropologia digital.

Uma segunda dimensão potente do trabalho de Singler (2023, neste número) é seu interesse explícito em travar um diálogo e um debate com os estudos de religião, mas também com os estudos de tecnologia, particularmente aqueles sobre Inteligência Artificial. Beth Singler nos apresenta um trabalho importante para que possamos pensar religião nos tempos e nos termos de hoje, emaranhada aos algoritmos e também feita por eles, mas também oferece um conteúdo muito importante para pensar-se sobre tecnologias que são também feitas nos tempos e termos de uma longa duração do social, cultural e do religioso.

Estas questões nos remetem a alguns dos grandes temas da antropologia como: a agência das coisas, materialidades e imaterialidades, técnicas, sensorialidades, moralidades, sistemas de classificação, definições de religião, estética, sentimentos, valor. No convite formulado por Singler, essas ideias são indispensáveis para pensar tanto a religião como a tecnologia, estejam estas juntas ou separadas. Em minha leitura, a pergunta que a autora nos deixa é: há Inteligência Artificial não emaranhada ao religioso, e religião não emaranhada à tecnologia?

No verbete “Tecnologia” escrito por Jeremy Stolow no livro “*Key words in Religion, Media and Culture*” (Morgan, 2008), este autor estrutura seu debate em três eixos: *religion versus technology*; *religion and technology*; e *religion as technology*. Nesta última sessão, afirma o autor:

So, when posing the question of how "technology" would most fruitfully serve as a key word in the study of religion and media, one might wish to try the following thought experiment: imagine any form of religious experience, practice, or knowledge and see what you have left "without technology." No instruments, tools, or devices; no architecture or clothing; no paint, musical instruments, incense, or written documents; not even the disciplined practices of bodily control—such as learned and performed methods of breathing, sitting, or gesturing with one's hands—for these too are technical practices. Even thoughts and images seem to vanish with the removal of the representational technologies of language and

iconography. The inescapable conclusion to be drawn from this exercise is that "religion", however we choose to define it, is inherently and necessarily technological (Morgan, 2008, p. 194-195).

Esta reflexão de Stolow coaduna-se com a ideia de “*entanglement*” entre religião e tecnologia, reafirmada por Singler. Destaco nas reflexões de Stolow uma leitura ampliada da ideia de tecnologia que, ao multiplicar-se e integrar corpo, técnica e linguagens, demonstra-se muito potente para pensar o digital. Mas, se existe uma importante continuidade nestas abordagens ao tratar religião como tecnologia, o trabalho de Singler destaca-se em um campo muito menos desenvolvido no qual insiste-se na outra direção desta seta: pensar tecnologia como religião.

Tecnologia como religião

Singler (2023, neste número) insiste que a relação entre religião e o desenvolvimento de sistemas sociais deve incluir um debate sobre o desenvolvimento tecnológico, não negligenciando a influência cultural da religião também nestes sistemas sociais. Dito de outra forma, cabe pensar, de acordo com a autora, como concepções religiosas do mundo operam no desenvolvimento de tecnologias digitais. Uma importante discussão desenvolvida por Singler trata da articulação entre Inteligência Artificial e a ideia de Deus, da teologia cristã. Para além de uma metáfora, uma paródia, ou uma alegoria, na análise da autora, os debates teístas sobre IA mobilizam sistemas religiosos que participam do desenvolvimento de projetos tecnológicos, e seus objetivos.

Se há um acúmulo de importantes trabalhos sobre as apropriações religiosas dos desenvolvimentos tecnológicos para fazer-se religião, e não para fazê-la desaparecer, há pouco debate sobre as características religiosas dos projetos tecnológicos que projetam algoritmos que agem “como Deus”, ou “como Deuses”: superinteligências, de agências soberanas, onipresentes, onipotentes e oniscientes.

As análises de Singler sobre o teísmo da IA discutem primordialmente com a teologia cristã. Pergunto-me quais seriam as consequências de uma abordagem construída a partir de outras religiões tradicionais. De alguma forma, pensar-se tecnologia a partir do Cristianismo tende a tomar como base uma continuidade com o pensamento ocidental e a ideia de “progresso”, inclusive tecnológico. Mas estudos de religião e mídia a partir do Islam (Hirschkind, 2009), do Hinduísmo (Thomas, 2021) ou do Vodou Haitiano (Boutros, 2013), entre outros, evidenciam campos empíricos e analíticos extremamente potentes, e que trazem

para o debate outras categorias para pensar-se sobre a tecnologia. Há um desafio contemporâneo que nos instiga a pensar outros futuros: o afro-futurismo e o futurismo indígena são alguns destes campos, assim como os futurismos muçulmano e hindu.

Estas reflexões nos convocam, portanto, a insistir na importância do desenvolvimento crítico de mais trabalhos que articulem as questões sobre religião e tecnologia a partir de uma perspectiva mais assertivamente crítica ao colonialismo e ao ocidentalismo das Ciências Humanas. Parte deste esforço vem sendo desenvolvido por Charles Hirschkind (Scott e Hirschkind, 2006), tendo como base o trabalho de Talal Asad sobre a genealogia da religião e a formação do secular. Particularmente em seu texto *Media and the Political Forms of Religion*, Hirschkind e Larkin (2008) abordam a temática “religião e mídia” acentuando os pontos críticos do pensamento ocidental neste debate, e apresentando pesquisas que de modo consistente reforçam a necessidade da criação de outros modelos analíticos para o tema, a partir das exigências das cenas políticas e epistemológicas contemporâneas. Mas, sem dúvida, ainda há muito o que se fazer neste sentido.

“Novos” Movimentos: um jeito de repensar o futuro e as fronteiras do religioso

Neste sentido considero muito interessantes as reflexões de Beth Singler (2023, neste número) sobre o campo dos Novos Movimentos Religiosos (NRM). Como dito anteriormente, durante minha tese de doutorado dediquei-me a uma pesquisa de campo sobre o Movimento Raeliano (Machado, 2006), que me conduziu a reflexões sobre religião, mídia e tecnologia, de modo a enfrentar os desafios analíticos apresentados por um grupo religioso que, no início dos anos 2000, definia a *internet* como um campo sagrado, e vislumbrava a possibilidade de uma vida eterna através do upload da personalidade (entendida como um conjunto de informações) em uma nuvem de dados, e seu posterior download em novos e atualizados suportes físicos biológicos que garantiriam uma existência infinda. De perfil cientificista, o Movimento Raeliano me conduziu para um debate sobre o campo da imaginação e da ficção científica para pensar sobre movimentos religiosos que aderem a um projeto de futuro tecnológico e transhumano como horizonte de crença. A releitura raeliana do texto bíblico cristão, orientada pelos extraterrestres que revelaram a verdade sobre a vida humana na Terra ao seu profeta Raël, é um exemplo valioso de futurismo cristão, no qual a torre de Babel era na verdade uma nave espacial em construção, e os cabelos de Sansão, antenas para comunicação telepática com os criadores alienígenas. Neste caso, o passado registrado na Bíblia já era o futuro. Os humanos terrestres é que não entenderam.

Após esse relato repleto de saudade do futurismo que me capturou durante a feitura de minha tese de doutorado, retomo aqui o diálogo com Singler por identificar nos estudos sobre Novos Movimentos Religiosos um potencial analítico fronteiro que, por um lado, atualiza temas clássicos dos estudos de religião (como magia, crença e espiritualidade); por outro, apresenta novos temas para debates religiosos (como o potencial criador dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos); e, além disso, nos permite conhecer coletivos fortemente imaginativos e criativos dos quais participam desenvolvedores de tecnologias que formam amplos circuitos transnacionais tecno-religiosos.

Se, por um lado, este cenário parece reforçar a ideia do potencial contemporâneo da religião se fazendo, se atualizando, por outro, leio atentamente a análise de Singler (2023, neste número) sobre projetos de “*hackear*” a religião, infiltra-la com modernidades, provocando mutações seculares por dentro de sua estrutura de dados, de modo que, em um certo momento, poderá ser possível perceber que a religião não estará mais lá, no espaço que parecia ocupar – o *god-space*, nos termos de Singler – e que só vai restar a tecnologia; e no lugar de Deus, uma IA.

O religioso e o digital: campos de poder

Termino este diálogo com o trabalho de Beth Singler (2023, neste número) com um destaque às abordagens metodológicas que vêm sendo aplicadas pela autora em seus trabalhos sobre religião e tecnologia. Além do indiscutível rendimento conceitual da relação entre os estudos de religião e da digitalidade, a dimensão metodológica dessa aproximação entre antropologia da religião e antropologia digital é sem dúvida um terreno a ser valorizado e explorado. Singler afirma que essa articulação dá visibilidade à necessidade de metodologias que levem a pesquisas sobre novos espaços onde a relação entre religião e IA acontecem.

Os estudos sobre o digital na antropologia brasileira têm uma história que remete a algumas décadas de trabalho coletivo. No livro “Políticas etnográficas no campo da cibercultura”, organizado por Segata e Rifiotis (2016), é possível identificar um percurso formativo que marca um campo de relações entre antropologia e as pesquisas sobre o digital no Brasil, de forte perfil interdisciplinar, e que tem nas questões metodológicas uma de suas principais frentes. Abordando o debate a partir das categorias de “cibercultura”, “ciberespaço”, e pensando sobre redes e técnicas, o material registrado nesta obra resulta de

uma análise focada nas fronteiras da Antropologia com o conhecimento produzido no campo da Comunicação para pensar a relação entre cibercultura e políticas etnográficas.

Outros trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores do campo da Antropologia Digital Brasileira vêm acentuando mais recentemente as consequências das reflexões teóricas e metodológicas que se fazem a partir da relação entre a Antropologia e os campos dos Estudos de Tecnologia, Ciência da Computação, Desenvolvimento de Sistemas e Plataformas, Cibernética, entre outros. Destaco aqui as reflexões de Leticia Cesarino (2021) sobre as possibilidades ampliadas do fazer antropológico nos dias de hoje, frente às questões do digital:

Na era da plataformização, o papel de uma antropologia que não se restringe à etnografia envolve não apenas abrir as caixas-pretas dos sistemas algorítmicos e apoiar o desenvolvimento de novas formas regulatórias para uma indústria que desafia os próprios fundamentos dos arcabouços legais construídos para um ambiente de mídia anterior (Cruz 2020). Ela também pode participar de forma ativa nos novos sistemas de peritos – as novas formas de reintermediação (Santos 2020) – que vêm emergindo na sua esteira (Cesarino, 2021, p. 312).

Retomando o trabalho de Gregory Bateson, Cesarino (2021) acentua o fato de que a Antropologia é a única ciência social com uma linhagem genealógica diretamente ligada ao movimento original da cibernética (p. 308) o que a potencializa, como ciência, não apenas a desenvolver pesquisas etnográficas em contextos digitais, mas a formular categorias analíticas sobre o digital e o mundo que se faz a partir do digital, de forma mais sistêmica e estrutural.

O dossiê “Estratégias para pensar o digital”, organizado por Beatriz Accioly Lins, Carolina Parreiras, Eliane Tânia de Freitas na revista *Cadernos de Campo* (v. 29, n. 2, 2020) reúne também um rico material de pesquisas pensadas a partir do digital, desenvolvido por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, tratando de temáticas como gênero, sexualidade, reconhecimento facial, guerrilha digital, dentre outros. Sobre estes últimos temas, considero relevante ainda apontar aqui para a produção científica e pública de Nina da Hora⁸, Cientista da Computação e Pesquisadora na área de Pensamento Computacional que vem pautando debates relevantes, com íntima articulação com o campo da Antropologia Digital, que, além de crucial relevância técnica para o campo da segurança digital e da defesa cibernética, tem sido fundamental na constituição de uma sólida crítica ao tema do racismo algorítmico.

A partir de sua produção crítica sobre o futuro da religião e o campo da IA, Beth Singler também assume como uma de suas preocupações o papel da religião no

⁸ Disponível em: <https://www.ninadahora.dev/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

enfrentamento das desigualdades que surgem a partir da IA e dos algoritmos, e de todo este processo de automação.

Concluo, assim, esta reflexão pensando mais cuidadosamente sobre a relação entre religião, tecnologia e poder. Retomo aqui a série “*The Future of Religious Past*” com a qual iniciei esse texto. Seu primeiro volume tinha por tema “Poderes” (Borg e Henten, 2010). Em sua apresentação, colocava-se a seguinte discussão:

Dealing with the nexus of religion and power, the present volume radically undermines the idea that the political relevance of religion is a thing of the past. Its essays treat power as a central aspect of religion on many levels, from that of macro-politics through the links between religion and nationhood to the level of personal empowerment or its obverse, disempowerment. Power and religion are both omnipresent in human action and interaction⁹ (Borg e Henten, 2010, s. p.).

Para efetivamente levar a cabo uma discussão emaranhada sobre religião e tecnologia (IA e algoritmos) é fundamental assumir o tema do poder como parte deste debate. Discutir religião, tecnologia e poder, sobretudo a partir de ambientes digitais, significa enfrentar um contexto de produção de transformações fundamentais no campo do trabalho, como no caso da *gig economy*, e dos *gig workers*, abordado com Singler (2023, neste número). Em diálogo com pesquisadores do campo de estudos sobre o trabalho, ouvi um relato muito sensível sobre trabalhadores de aplicativos evangélicos das periferias urbanas brasileiras que se referem à “bênção” do aplicativo, que “caiu do céu”, oferecendo uma oportunidade de trabalho para pessoas que enfrentavam períodos de desemprego e escassez. A bênção do algoritmo, sabemos, é a própria maldição da precarização do mundo do trabalho em contexto neoliberal (Andrade, Côrtes e Almeida, 2021), que atinge desigualmente os desiguais.

Dentre os estudos recentes que articulam religião, tecnologia e poder no Brasil, ressalto a pesquisa de Lorena Mochel (2023) intitulada “A fluidez da unção: raça, gênero e erotismos evangélicos nas materialidades de um Ministério digital”. A partir de uma meticulosa pesquisa sobre o cotidiano de mulheres evangélicas, esta tese analisa processos político-religiosos ambíguos e ambivalentes através dos quais mulheres evangélicas têm se reconfigurado enquanto coletividade através dos usos do *WhatsApp*, e transformado rituais para o exercício da fé em suas convivências digitalizadas. O trabalho de Mochel faz parte de um campo de pesquisa ainda pouco explorado mais recentemente, capaz de assumir o desafio da articulação das questões contemporâneas colocadas pela articulação dos campos da Antropologia Digital e da Religião no Brasil, assumindo ainda a centralidade dos debates sobre raça, classe e gênero para o tratamento destas questões.

⁹ Disponível em: <https://www.fordhampress.com/9780823231577/powers/>. Acesso: 30 de janeiro de 2023.

Por fim, ainda pensando a realidade brasileira, sabemos que nas últimas eleições (2018 e 2020) a relação entre religião, tecnologia e poder foi operada de forma sofisticada, engenhosa, mobilizando custosas empresas de comunicação, tecnologia e política, emaranhadas em um circuito internacional claramente investido em reorganizar a ordem política mundial em direções ainda mais desiguais e violentas (Cesarino, 2022). Aplicativos, algoritmos, informações, orações, bênçãos e maldições foram parte desse poderoso trabalho coletivo de conteúdo religioso, político e tecnológico. As possibilidades analíticas apresentadas no trabalho de Singler nos apontam caminhos para que novas pesquisas possam ser realizadas nestes e outros espaços, para que, assim, tenhamos capacidade analítica de entender as tramas de poder, como elas se fazem, e também como podem se desfazer.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daniel Pires de; CÔRTEZ, Marília; ALMEIDA, Silvio. Neoliberalismo autoritário no Brasil. *Caderno CRH*, v. 34, 2021.

BORG, Meerten B. ter; HENTEN, Jan Willem van (org.). *Powers: religion as social and spiritual force*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2010.

BOUTROS, Alexandra. Virtual Vodou, Actual Practice: Transfiguring the Technological. In: STOLOW, Jeremy (org.), *Deus in Machina: Religion, Technology, and the Things in Between*, p. 239-260. Nova Iorque: Fordham University Press, 2013.

CESARINO, Leticia. Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinaridade. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 21, n. 2, p. 304-315, 2021.

CESARINO, Leticia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MACHADO, Carly. *Imagine se tudo isso for verdade: O movimento Raeliano entre verdades, ficções e religiões da modernidade*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

HIRSCHKIND, Charles. *The Ethical Soundscape: Cassette Sermons and Islamic Counterpublics*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2009.

HIRSCHKIND, Charles; LARKIN, Brian. Introduction: Media and the Political Forms of Religion. *Social Text*, v. 26, n. 3 (96), p. 1-9, 2008.

HIRSCHKIND, Charles; SCOTT, David. Powers of the Secular Modern: Talal Asad and His Interlocutors. Estados Unidos: Stanford University Press, 2006.

HOUTMAN, Dick; MEYER, Birgit (org.). *Things: religion and the question of materiality*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2012.

LINS, Beatriz Accioly et al. Estratégias para pensar o digital. *Cadernos De Campo*, v. 29, n. 2, São Paulo, 2020.

MEYER, Birgit. *Sensational Movies - Video, Vision and Christianity in Ghana*. Berkeley: University of California Press, 2015.

MEYER, Birgit; PELS, Peter (org.). *Magic and Modernity: Interfaces of revelation and concealment*. Estados Unidos: Stanford University Press, 2003.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. *Digital Anthropology*. New York: Berg Publications, 2012.

MORGAN, David (org.). *Key Words in Religion, Media, and Culture*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2008.

STOLOW, Jeremy (org.). *Deus in Machina: Religion, Technology, and the Things in Between*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2013.

STOLOW, Jeremy. Techno-Religious Imaginaries: On the Spiritual Telegraph and the Circum-Atlantic World of the 19th Century. *Globalization Working Papers*, v. 6, n. 1, McMaster University, 2006.

THOMAS, Pradip. Religion, Media and Culture in India: Hindutva and Hinduism. In.: HOOVER, Stewart M.; ECHCHAIBI, Nabil (org.). *Media and Religion: The Global View*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2021.

Recebido em: 22/05/2023

Aprovado em: 22/06/2023